

Editorial

*D*e um artigo assinado pelo Coronel Oliveiros Litrento e publicado na revista do Clube Militar de fevereiro deste ano de 2000, extraímos a seguinte reflexão inicial:

“As áreas da informação e da cultura, molas propulsoras do desenvolvimento, responsáveis por profundas transformações sociais e políticas em qualquer país do mundo, aceleram, no presente momento histórico em que vivemos, um tipo de escravismo novo, subordinadas que estão a uma continuada revolução tecnológico-industrial que teima em minimizar e até mesmo desconhecer o humanismo.”

E mais adiante continua o dedicado professor militar de tantas gerações:

“...há uma visão filosófica que jamais podemos perder de vista: a de que o humanismo político-científico é um falso humanismo.”

Neste ponto, pedimos vênia ao leitor para afirmar que não apenas concordamos com o respeitado mestre Litrento mas ainda acrescentamos, sob nossa própria responsabilidade, esta reflexão:

– Por mais estranho que possa parecer, muitos dos inúmeros e difíceis problemas que a área científico-tecnológica está enfrentando seriam mais eficazmente resolvidos se nos dispuséssemos a reencontrar as raízes do verdadeiro humanismo, não do que se poderia chamar: “humanismo folclórico”, porém, sim, daquele humanismo que se alimenta da sabedoria antiga e sempre nova, aquela em que não há lugar para a opinião apressada ou irrefletida. Estamos pensando naquela sabedoria que exige de nós a leitura séria, voluntariamente atenta, da

obra dos grandes pensadores (entenda-se: os tradicionais; não os divulgados por meio das listas de best-sellers de um jornal ou de uma estação de TV). Estamos falando da sabedoria em que há lugar permanente e prioritário para o respeito à autoridade magistral de quem seja de fato um sábio, e não, por exemplo, um escritor que adule sensibilidades imaturas e emoções fáceis. Aquela sabedoria que levou o grande Leibniz, tão nosso conhecido dos livros de Cálculo, a cunhar a feliz expressão: philosophia perennis para melhor definir a permanente, a secular procura da verdade.

Bem sabemos que pode parecer um tanto quixotesco lembrar a quem já está quase sufocado pelos duros encargos do ensino e da pesquisa, sugerir, por exemplo, um programa de leitura diferente, uma leitura que não seja feita pelo costumeiro (e necessário) trajeto através de páginas e mais páginas repletas de equações diferenciais ou matriciais, que não seja feita pelo usual (e necessário) percurso por entre folhas e mais folhas cobertas por diagramas eletrônicos ou mecânicos. Porém, nos momentos mais difíceis talvez as soluções mais adequadas sejam as que nos pedem um acréscimo, um diferencial de trabalho. O mais importante é que o gradiente deste esforço tenha o sentido correto.